

*Pe. Jesus Hortal,
S.J.*

Reitor



PUC
RIO

*Relatório da Reitoria da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro, relativo ao ano de 2009*

Senhoras e senhores membros do Corpo Docente,
Senhoras e senhores membros do Conselho de Desenvolvimento,

1. Um balanço de quinze anos

Quinze anos são muitos anos. Durante esse longo tempo tenho permanecido na direção da PUC-Rio, enfrentando desafios, tentando manter o pulso firme, para conservar a Universidade no rumo certo, vivendo uma experiência única de esforço conjunto de toda a comunidade universitária. Parece-me interessante, em lugar de fazer, como em anos anteriores, um relato do último exercício, esboçar uma espécie de balanço desses quinze anos, que se iniciaram em março de 1995. Desse modo, ao nos aproximarmos dos setenta anos de nossa Universidade, que celebraremos em 2010, poderemos ver o ponto onde nos encontramos e os rumos que deveremos traçar.

Quando assumi o cargo de Reitor, a PUC passava por um momento delicado. Os fartos subsídios governamentais dos anos setenta e oitenta foram diminuindo gradualmente. No início de minha gestão, chegaram a um nível baixíssimo, para, pouco depois, cessar por completo. Pessoalmente, pensava que o Governo não poderia retirar por completo o apoio a uma instituição com a trajetória da PUC. Enganei-me: o apoio institucional cessou por inteiro. Ao mesmo tempo, tivemos que enfrentar a falta de solidariedade de numerosos professores, que pensavam estar ameaçada a própria sobrevivência da instituição e nunca mais foi retomado. Não foram poucos os professores que, perante a nova conjuntura, ingressaram na justiça com reclamações trabalhistas, relativas a diferenças salariais devidas não à morosidade da PUC, mas a atrasos de pagamentos da FINEP, na época da grande inflação. Um bom número deles buscou refúgio nas Universidades federais; outros, mesmo sendo autores de tais ações, preferiram ficar na PUC. Perseverantemente, conseguimos solucionar essa situação contraditória de conservarmos no nosso meio pessoas que, com suas ações, ameaçavam a sobrevivência da instituição

As incertezas eram tantas e tão grandes que resultava quase um exercício de ficção científica qualquer tentativa de planejamento e orçamentação. Em tais circunstâncias, era necessário ter clareza sobre os rumos que queríamos imprimir à Universidade. Não houve momentos de hesitação. O desejo de todos era conservar a PUC, como é definida no nosso Marco Referencial, ou seja, como uma instituição dedicada ao ensino, à pesquisa e à extensão, confessional, comunitária, de inspiração humanístico-cristã, portadora de um serviço de interesse público. Como levar isso adiante?

2. A política de pessoal

Era necessário engajar todos na luta. Para tanto, precisávamos praticar uma política de pessoal que demonstrasse claramente solidariedade com os nossos quadros docente e administrativo. Conseguimos manter os salários em níveis

razoáveis, dentro dos parâmetros das convenções sindicais, sem que, durante os quinze anos a que nos referimos fosse necessário atrasá-los ou parcelá-los nem sequer um mês. Com empenho e perseverança, conseguimos colocar em dia as férias do corpo docente, que, em média se encontravam quatro anos atrasadas, gerando um forte passivo trabalhista. Restabelecemos o ritmo normal das promoções da carreira docente, que, durante anos, tinham ficado paradas. Como consequência, vemos que hoje todos os Departamentos contam com professores titulares.

Foram concedidas vantagens adicionais, como a cesta básica, aos integrantes do corpo técnico-administrativo. De grande transcendência para o futuro da instituição, foi a constituição do nosso fundo de previdência complementar, embora modesto. Na medida em que as nossas disponibilidades no-lo permitiram, temos inclusive concedido vantagens adicionais, de modo a garantir aos aposentados por idade, junto com o benefício do INSS, rendimentos iguais a 70% do salário percebido. Voltaram a ser concedidos anos sabáticos e, em certos casos, ajudas para a participação em congressos. O recrutamento de novos professores do quadro principal realiza-se, de modo regular, mediante concurso público, com grande frequência de candidatos, o que evidencia o alto conceito de que gozamos no mundo acadêmico. Estamos empenhados num programa sistemático de renovação do nosso corpo docente. Dado o perfil etário de nosso corpo docente, nos próximos dez anos, teremos a aposentadoria de quase duzentos professores do quadro principal, o que implica fortes gastos indenizatórios, que estamos dispostos a assumir. Ao mesmo tempo, é preciso, e esperamos que assim seja, que os novos docentes encarnem plenamente o espírito e os valores que levaram a PUC-Rio ao nível onde ela se encontra.

3. Crescimento físico da Universidade

O desenvolvimento físico da Universidade, como consequência das dificuldades já apontadas, sofrera, no fim dos anos oitenta e durante os noventa, uma forte desaceleração, levando ao resultado que conhecemos popularmente como “favelização”, ou seja, ao surgimento de pequenas construções precárias, em lugares inadequados. Lentamente, primeiro, e com maior velocidade depois, empreendemos um plano de novas edificações de maior qualidade e harmonia com o campus como um todo. Primeiramente, foi a extensão do edifício Cardeal Leme; depois o novo ginásio, a igreja, os novos blocos do IAG, as novas instalações dos serviços de manutenção embaixo do viaduto, o chamado “edifício beta” e, mais recentemente, o Núcleo Regional de Competência em Petróleo (NCRP). Por outro lado, a antiga residência dos jesuítas, na rua Marquês de São Vicente, 293, foi completamente reformada e dedicada por inteiro às atividades universitárias. Ao mesmo tempo, mediante um uso mais racional das instalações existentes, conseguimos recuperar, para as atividades acadêmicas, amplos espaços, como a antiga carpintaria, os subsolos dos edifícios Cardeal Leme e Kennedy e uma boa parte do depósito de livros da biblioteca. A tudo isso se deve acrescentar o trabalho de conservação e melhora das nossas instalações. Foram renovados todos os elevadores e restauradas as fachadas dos dois grandes blocos de edifícios da PUC. O estacionamento foi asfaltado e sinalizado; o nosso parque foi completamente reformulado com maior sentido estético e de integração com a natureza. Todas as salas de aula foram reformadas, sendo dotadas de ar condicionado e facilidades

para o emprego das modernas tecnologias digitais. A biblioteca foi plenamente informatizada e as salas de leitura melhoradas. Logicamente, acompanhando a evolução dos tempos, as facilidades computacionais foram multiplicadas, num ritmo vertiginoso, até atingir atualmente perto de seis mil pontos de conexão com a internet no nosso campus. Igualmente as sedes de todos os Departamentos e as salas de estudo e trabalho para os alunos da pós-graduação foram modernizadas e ampliadas. O trabalho de atualização dos laboratórios de ensino e de pesquisa foi uma preocupação constante, embora nem sempre tenhamos conseguido fazê-lo ao ritmo desejado. Não se pode, porém duvidar de que, em grande medida, tais laboratórios sejam padrão de qualidade. Se tivesse que indicar algo que ainda falta por fazer, atrever-me-ia a indicar um auditório de maior capacidade, para abrigar os numerosos congressos e eventos que acontecem no nosso meio.

Mas, com o crescimento das nossas atividades, o campus foi ficando pequeno, pelo que foi necessário buscar novos espaços fora dele. O IOPUC, o nosso Instituto de Odontologia, que passara por uma profunda crise, foi reinstalado, em novas bases, no mesmo terreno da nova residência dos jesuítas (Rua Marquês de São Vicente, 389). Alugamos amplos espaços para os cursos de pós-graduação *lato sensu*, no centro da cidade (na Rua Marechal Câmara) e na Barra da Tijuca (Avenida das Américas). Também alugamos e depois compramos o andar térreo do nº 232 da rua Marquês de São Vicente e ainda ocupamos duas salas na rua da Ajuda. Mesmo assim, continuamos a precisar de mais espaço, pelo que alugamos e estamos tratando de adquirir o antigo Colégio São Marcelo, na estrada da Gávea, na qual já possuíamos o Centro Loyola de Fé e Cultura, plenamente integrado na Universidade. Também compramos uma ampla propriedade, na estrada Santa Marina, igualmente na Gávea, onde será possível desenvolver novos cursos. A nossa expansão física prossegue em Duque de Caxias, onde, no sítio São Bento, em parceria com a diocese local, desenvolvemos atividades de extensão, de forte cunho social. E não podemos esquecer que, através de empreendimentos conjuntos com empresas e outras instituições, estamos presentes também nos Campos Elíseos, no mesmo município de Duque de Caxias, onde se localiza o CTDUT (Centro de Tecnologia em Dutos). Na semana passada, foi publicada a portaria do Ministério do Planejamento que autoriza a cessão de uso de um terreno no recinto do INMETRO, em Xerém, também no Município de Duque de Caxias, para a instalação do nosso Laboratório de Engenharia Veicular. Dentro de pouco, estaremos também presentes no “Porto Maravilha”, mediante o CAND (Centro de Avaliação Não Destrutiva) e possivelmente com outros empreendimentos.

Apesar de todas essas expansões, o espírito empreendedor de nossa Universidade exige, cada vez maiores espaços. Falta-nos, sem dúvida, lugar para um maior desenvolvimento das nossas incubadoras e, sobretudo, para a instalação dos nossos parques tecnológicos. Nesse sentido, não obstante as dificuldades encontradas, continuamos a buscar uma solução para o terreno do antigo Laboratório Moura Brasil, lugar que, por sua proximidade com a Universidade, seria ideal para essas finalidades. Ao mesmo tempo, através de uma parceria com o Centro Universitário La Salle de Aravaca (Madri), com a Comunidade de Madri (equivalente ao nosso Distrito Federal), com o Governo do Estado do Rio de Janeiro e com a Prefeitura de Belford Roxo, estamos desenvolvendo um projeto de instalação do “Parque Tecnológico de Inovação para a Atenção às Pessoas”. Já assinamos um protocolo conjunto de intenções com essas instituições e espero que consigamos tornar realidade esse projeto de grande transcendência acadêmica e social.

4. Questões financeiras

Logicamente, a aplicação da política de pessoal e a conservação e expansão das nossas instalações requereram vultosos recursos econômicos. A essas necessidades, devem somar-se os pesados encargos de dívidas, de diverso gênero que pesavam sobre a PUC. Mediante uma política de austeridade, foi possível pagar todos os empréstimos que existiam, no início da minha gestão: com a Caixa Econômica Federal, com os Bancos Itaú e Boavista, com o BNDES e com a FINEP. Igualmente foram liquidadas as dívidas fiscais e tributárias parceladas com a Receita Federal e com o INSS. Das dívidas trabalhistas originadas das reclamações sobre diferenças salariais dos professores que recebiam complementação da FINEP, a maior parte já foi liquidada, de forma que, podemos afirmar que atualmente já não constituem, para nós, motivo de maior preocupação. De fundamental importância para a nossa saúde financeira tem sido a orçamentação por unidade, que conseguiu o engajamento de todos os Departamentos no esforço comum.

Para manter o desejado equilíbrio orçamentário, foi necessário seguir uma política adequada de reajuste das mensalidades. Elas cobrem atualmente a nossa folha de pagamento, mas não as nossas necessidades de custeio, manutenção e investimento. Por isso, paralelamente aos reajustes de mensalidades, procuramos constantemente novas fontes de recursos. Embora em volume relativamente modesto, conseguimos algumas doações e patrocínios, entre os quais devemos destacar as contribuições espontâneas da comunidade católica que propiciou a construção da nossa igreja, sem que fosse necessário investir nela nenhum recurso do nosso orçamento ordinário.

Sem dúvida, a maior mudança acontecida nesse campo financeiro, foi o crescimento acelerado, nos últimos anos, dos contratos de pesquisa, de tal forma que atualmente, os recursos oriundos desses contratos igualam e até superam ligeiramente os que procedem das mensalidades.

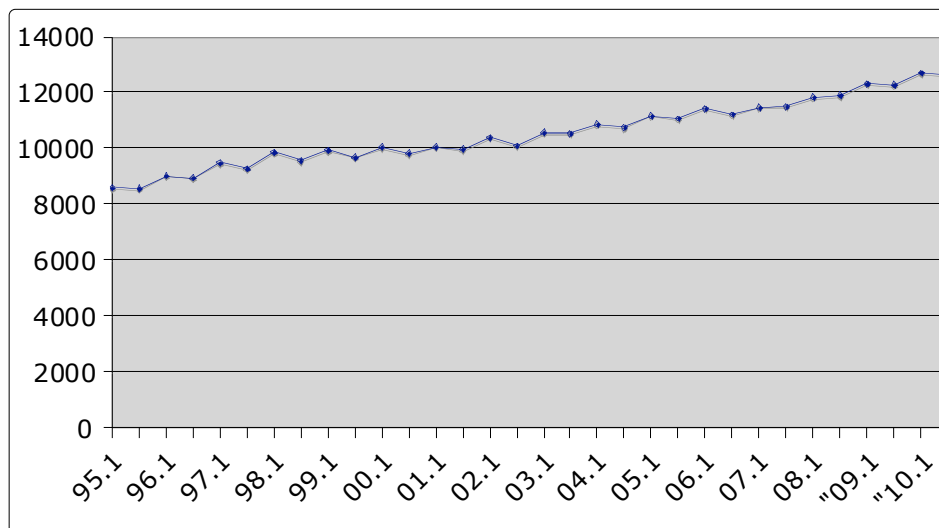
Resumindo essa parte financeira, podemos dizer que, embora sem as angústias que experimentamos não há muitos anos, é preciso continuar a praticar uma política constante de austeridade e de reajustes.

5. A tarefa docente

É evidente que as três ações até aqui descritas – preservação e avanço dos nossos quadros de pessoal, conservação e melhora das nossas instalações e racionalidade financeira – são atividades meio e têm como escopo possibilitar, cada vez mais e melhor, as nossas atividades fim, ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão. A PUC foi pioneira na implantação da pós-graduação no Brasil. Mas, por causa dos fartos subsídios governamentais outrora concedidos, chegou a criar-se uma situação fortemente assimétrica. De um lado, o CTC, com o apoio governamental, completou a sua pós-graduação em muito poucos anos. Com certo atraso, o CTCH, com a exceção de Artes, embora com muito menos recursos, seguiu o mesmo caminho, enquanto o CCS permaneceu quase parado. Ao longo dos meus anos de gestão, empenhei-me para superar a desconfortável situação daí resultante, ou seja, a existência quase que de duas PUCs. Hoje, após anos de esforço, podemos constatar que todos os Departamentos da Universidade contam com mestrado, inclusive, às vezes, de dois tipos, acadêmico e profissionalizante. O doutorado foi implantado também em quase todos os departamentos, configurando

assim uma Universidade de pesquisa. É claro que não houve apenas multiplicação de programas. Todos, sem exceção, empenharam-se em demonstrar a máxima qualidade na pesquisa e na pós-graduação. Por isso, nas três últimas avaliações da CAPES, considerando-se a média das qualificações obtidas, ficamos sempre entre as três melhores Universidades do país.

O acento na pós-graduação, porém, não significou menor atenção à graduação, inclusive porque nela está a nossa maior fonte de receitas. Dos aproximadamente 6.300 alunos com que contávamos em 1992, saltamos para os 13.500 da atualidade, com um crescimento homogêneo e constante. Esse salto se deu simultaneamente com um esforço de melhora da qualidade. Nas avaliações, primeiro do “provão” e depois do ENADE, sempre ficamos muito bem posicionados. O mesmo se diga do índice geral de cursos e do resultado da comissão de visita. Não há dúvida de que, sob todos os aspectos, somos reconhecidos como a melhor Universidade privada do país e de que, não obstante a diferença na disponibilidade de recursos, podemos comparar-nos com as melhores Universidades federais. A nossa perspectiva de crescimento é sólida e sustentada por uma demanda crescente, embora condicionada pela falta de espaço físico no nosso campus.



Tenho repetido insistentemente que um dos segredos do nosso sucesso está na unidade de campus, que possibilita uma visão interdisciplinar e integradora de saberes. Não devemos renunciar a esse valor, tão característico nosso. Para conseguir, porém, ainda maior largura de horizontes, seria necessário que passássemos a atuar também nas duas grandes áreas do conhecimento em que a nossa graduação ainda está ausente: as ciências agrárias e da terra e as ciências da saúde. Temos aqui um desafio bem grande: a criação de novos espaços dentro da Gávea e a sua integração com a nossa realidade. A utilização do terreno da Estrada Santa Marina pode ser uma primeira experiência promissora nesse sentido.

Nos últimos anos, nos temos empenhado também na educação a distância. Contamos, para tanto, não apenas com boas instalações, mas também com ferramentas da melhor qualidade e com professores altamente qualificados.

Atuamos, em alguns casos, em convênio com o MEC, mas também com iniciativas próprias, como no caso da Teologia a distância. Ultimamente, aproveitando as possibilidades que a legislação em vigor nos oferece, temos oferecido parte das disciplinas de nossos cursos de graduação, sobretudo as de caráter mais geral, através da modalidade a distância, o que inclusive contribuiu para solucionar alguns problemas de espaço físico. Mas não é nossa intenção atual substituir, de modo geral, a aula presencial pela educação a distância, mesmo que isso possa trazer algumas vantagens econômicas.

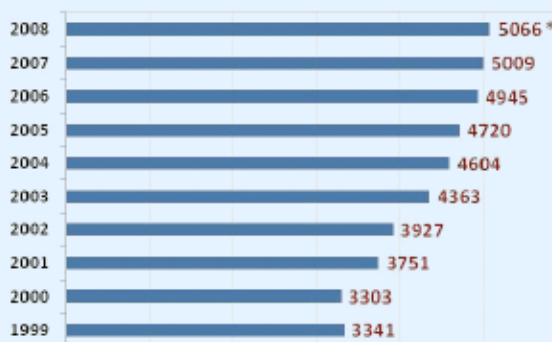
Além dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, e dos de graduação, oferecemos um bom número de cursos de pós-graduação *lato sensu*, também conhecidos como de especialização, e outros menores de extensão. É sabido que, nestes casos, não nos limitamos ao campus da Gávea, mas atuamos também na Avenida Marechal Câmara, na Avenida das Américas (Barra da Tijuca) e no Sítio São Bento (Duque de Caxias). Também temos tido uma crescente demanda de cursos especificamente modelados para empresas concretas. Para tais cursos, não existe avaliação de qualidade da parte do MEC ou de qualquer agência governamental, pelo que o único parâmetro disponível é a demanda, que, no nosso caso, se mantém bastante forte. Contudo, parece-me que seria necessário estabelecer algum mecanismo de avaliação. Esta é uma das tarefas pendentes para os próximos anos.

6. Extensão e responsabilidade social

Na extensão, enquanto projeção externa da Universidade, temos-nos mantido bem ativos. Em primeiro lugar, através de serviços relacionados com as nossas atividades docentes e de pesquisa. Podemos citar a esse respeito o Núcleo de Prática Jurídica (antigo EMA), o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), o Núcleo de Estudos e Ação sobre o Menor (NEAM), o Núcleo de Orientação e Ação Pedagógica (NOAP) e o Escritório Modelo de Arquitetura. São milhares de pessoas que anualmente se beneficiam da ação dessas unidades. Por outro lado, é notável a atuação direta de nossos Departamentos em comunidades carentes. Menciono apenas, por ser mais visível a atuação da UNICOM, cuja ação se estende inclusive até a Amazônia, e a do Departamento de Serviço Social, presente em numerosas comunidades carentes. Destaco de modo especial o programa Raízes Comunitárias, ligado ao Departamento de Educação. Começou com uma ação modesta no campo da alfabetização de adultos; expandiu-se para a todo o ciclo da EJA (Educação de Jovens e Adultos), passou para a coordenação de cursos pré-vestibulares comunitários e, finalmente, fez-se presente na coordenação de cursos comunitários pré-tecnológicos.

Parte integrante da nossa responsabilidade social é a nossa política de bolsas e auxílios. Podemos dizer, com orgulho, que ao redor de quarenta por cento de nossos alunos recebem algum tipo de auxílio, o que contribuiu para, embora conservando a nossa excelência acadêmica, superar a tentação de construir uma Universidade de elite.

Total de bolsas ao longo de 10 anos



* até 04.11.2008
Fonte: SGU

Podemos também afirmar que somos uma Universidade integradora, inclusiva, à procura de uma sociedade que supera as divisões e desigualdades. É de fundamental importância a esse respeito o FESP (Fundo Especial de Solidariedade PUC). Começou modestamente, por iniciativa da Pastoral Universitária e com a contribuição de professores, funcionários e alunos. Expandiu-se grandemente, com o apoio decisivo da Província do Brasil Centro-Leste dos Jesuítas e hoje proporciona ajuda substancial a mais de oitocentos alunos, facilitando-lhes o transporte, a alimentação, a moradia e a aquisição de material escolar.

Não há dúvida de que a atuação social é parte intrínseca da nossa Universidade. O que podemos perguntar-nos, olhando o futuro é se, além dessas e outras ações, não deveríamos questionar-nos sobre a dimensão social no nosso cotidiano. Ou seja, se a nossa responsabilidade social se esgota com ações pontuais ou se não deveria formar uma dimensão constante do nosso ensino e da nossa pesquisa. De fato, a responsabilidade social não é tarefa de uma parte, por muito grande que seja, mas da Universidade como um todo. É esta também uma tarefa para os próximos anos.

A mesma coisa se poderia dizer da nossa responsabilidade ambiental. A moderna consciência ecológica produziu bons frutos no nosso meio. Como consequência do Colóquio Global de Reitores de Universidade, convocado pelo Secretário Geral da ONU, ao qual me referi no meu relatório do ano passado, foi elaborada uma Agenda Ambiental PUC, que estabelece um roteiro a ser seguido nos próximos anos.

7. Cultura empreendedora

Sendo eu ainda Vice-Reitor Acadêmico, surgiu o Projeto Gênesis. Parecia, inicialmente, uma bela idéia, mas de pouca transcendência. A sua transformação em Instituto Gênesis acabou por impulsionar uma etapa ulterior da Universidade, que incorporou a nova dimensão: o espírito empreendedor. Incubadora tecnológica,

incubadora cultural, incubadora social, pré-incubadora, empresa júnior, e-quipu, ensino de empreendedorismo são os diversos aspectos em que se desdobrou aquele primeiro projeto. Como o estabelecimento do Parque de Inovação pra a Atenção às Pessoas, daremos um passo a mais nessa direção. A nossa Universidade pode hoje qualificar-se justamente como uma Universidade empreendedora.

8. Universidade e Cultura

Alem dos aspectos acadêmicos propriamente ditos, não podemos esquecer que somos também uma instituição de cultura. A esse respeito, duas unidades complementares, sem esgotar essa dimensão, a mostram de modo claro: o Solar Grand-Jean de Montigny e o Centro Loyola de Fé e Cultura. Temos também cátedras que poderíamos qualificar de difusão cultural, como a Cátedra Carlo Martini e a Cátedra UNESCO de leitura. Contamos igualmente com uma coordenação de atividades culturais e comunitárias, parte integrante da Vice-Reitoria Comunitária. Realizam-se também constantemente atos culturais no nosso campus, boa parte deles por iniciativa dos nossos alunos. O nosso núcleo de memória está levando a cabo um benemérito trabalho de preservação de uma história que, como dizíamos já se aproxima dos setenta anos e que corria o risco de perder-se. Nesse sentido, seria bom uma melhor conservação e catalogação dos numerosos troféus e prêmios recebidos pela Universidade, como um todo, ou por alguma de suas unidades e que hoje se encontram armazenados ou expostos de forma claramente inadequada. Penso, por exemplo, na instalação de um pequeno museu da PUC, que serviria de lembrança e incentivo para as novas gerações.

Embora não sendo uma unidade universitária, mas estando acolhido, desde o início dentro do nosso campus, merece destaque o Projeto Portinari, de resgate e preservação da memória do maior pintor brasileiro. Também neste campo, nossa ação é múltipla e variada, com alguns aspectos pouco conhecidos. Espalhadas pelo campus, temos quatro bustos e meia dúzia de outras esculturas.

8. A ação pastoral e o relacionamento com a Igreja católica

A PUC nasceu dos anseios da comunidade católica. Por isso continua a definir-se como uma Universidade confessional, o que não significa qualquer tipo de discriminação religiosa. Contudo, é necessário que tenhamos sempre clara a nossa identidade e missão. É por isso que constituímos um Conselho para a Identidade e Missão, com participação de todos os segmentos de nossa comunidade. Neste ano, foi reformulado e esperamos tome novo vigor.

Pela mesma razão, relacionamo-nos de múltiplas formas com a Arquidiocese do Rio de Janeiro, à qual temos dado uma assessoria especial no campo da comunicação social. É empolgante ver os numerosos agentes pastorais de comunicação das paróquias e vicariatos que se formaram por obra do nosso departamento correspondente.

Devemos sublinhar também a importância da ação pastoral, que não se esgota no que chamamos divisão de pastoral. De fato, a investigação da verdade e a sua difusão são, para nós, expressão de nossa procura pela Verdade eterna, a ser comunicada aos outros. O conhecimento mais profundo da realidade e o desenvolvimento das capacidades do ser humano são uma exigência do nosso ser

cristão. De algum modo, toda a ação da Universidade possui uma dimensão pastoral, pois pode servir para a difusão dessa verdade universal simbolizada nas duas letras gregas, alfa e ômega, do nosso brasão, símbolo do Verbo de Deus, do Filho, Sabedoria eterna que veio até nós.

9. Dos setenta aos oitenta anos

Poderíamos continuar a falar de outras realidades que mostram a nossa vitalidade, como a internacionalização crescente, a nossa presença, cada vez mais ativa, na formulação de políticas públicas e a atuação crescente da Associação de Antigos Alunos. Mas não desejo cansar mais com as minhas palavras. Encontramo-nos, como já dissemos, prestes a começar o ano em que a PUC completará setenta anos. Olhamos para trás e podemos agradecer a Deus pelo caminho realizado. Mas certamente falta muito por fazer. Ao longo deste relatório, indiquei alguns pontos que merecem a nossa atenção nos próximos anos. Como ponto final, atrevo-me a elencá-los:

10. Desafios para os próximos anos

- 1) Renovação do quadro docente
- 2) Manutenção do equilíbrio orçamentário
- 3) Procura de novos espaços físicos. De modo específico, a construção de um auditório de grande porte.
- 4) Novos cursos e novas áreas de atuação, como ciências agrárias e da terra e ciências da saúde.
- 5) Elaboração de um instrumento de avaliação dos nossos cursos de extensão.
- 6) Participação em grandes empreendimentos fora do nosso campus: CAND, LEV, Parque di Inovação Tecnológica e Cultural da Gávea, Parque de Inovação para a Atenção às Pessoas.
- 7) Aprofundamento da dimensão social em todas as nossas atividades.
- 8) Desenvolvimento da Agenda Ambiental PUC.
- 9) Construção do “museu da PUC”.

Muito obrigado pela sua atenção.